

Helder Alicerces Bahu

CHORO RITUAL. UM SÍMBOLO PURIFICADOR EM CONTEXTO ANGOLANO

RITUAL CHORUS. A PURIFYING SYMBOL IN AN ANGOLAN CONTEXT

RESUMO: A realidade angolana actual apresenta-se algo confusa do ponto de vista ritual porquanto um conjunto de rituais outrora significativamente organizados e realizados numa perspectiva ancestral passaram a ser realizados simbolicamente e sem uma percepção clara dos seus principais actores que maioritariamente o evidenciam “mimeticamente” numa espécie de recorrência histórica. Assim, pretende-se com o presente *paper*, relatar um conjunto de actos simbólicos relativos ao choro ritual e seus desenvolvimentos ao nível da ideia de construção do luto e purificação consubstanciados na ideia de morte que é considerada como uma situação bastante preocupante em termos de poluição. Esta pesquisa baseou-se na observação participante e directa com imensos detalhes obtidos a partir do inquérito por entrevista. Nesta senda, foi possível observar, em contexto angolano, uma continuidade ritualística baseada numa cultura compósita que, naturalmente, resultou de um enorme intercâmbio cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Choro ritual; Morte; Cânticos fúnebres.

ABSTRACT: The current Angolan reality is somewhat confused from a ritual point of view because a set of rituals that were once significantly organized and performed in an ancestral perspective are now performed symbolically and without a clear perception of their main actors who mostly "mimetically" show it in a kind of historical recurrence. Thus, this paper is intended to describe a set of symbolic acts related to ritual weeping and its developments at the level of the idea of building mourning and purification related to the idea of death, which is considered a rather worrying situation in terms of pollution. This survey was based on participant observation and direct with lots of details obtained from the interview survey. In this path, it was possible to observe, in an Angolan context, a ritualistic continuity based on a composite culture which, naturally, resulted from a huge cultural exchange.

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus II

[Dr. Pedro Acosta Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil

KEYWORDS: Ritual crying; Death; Funeral Singing.

CHORO RITUAL. UM SÍMBOLO PURIFICADOR EM CONTEXTO ANGOLANO

Helder Alicerces Bahu¹

Introdução

A elaboração do luto em contexto angolano se afirma como uma prática ainda muito presente. Porém, a coordenação ritual se ajusta a uma prática de recorrência ancestral sem uma base explicativa dos seus intervenientes relativamente ao aparato ritual em curso desde o corpo até ao seu sepultamento.

De entre os vários elementos de análise num ritual fúnebre, destaca-se o choro que é o primeiro símbolo de comunicação e demarcação de uma situação de passagem. As diferentes características do choro e a sua pertinência ao nível dos processos de purificação em contextos de luto constituem a base de discussão deste artigo que congrega uma descrição do choro como um ritual de purificação incontornável no seio da sociedade angolana.

Este *paper* é resultado de um processo de observação de longa duração ajustado a pesquisas anteriores que marginalmente aproveitadas conhecem agora uma maior atenção para uma reflexão de um choro hipoteticamente emotivo por conta da separação que, numa perspectiva *emic* traz ao de cima alguma complexidade ritualística que merece certa análise. Assim, foi possível indagar algumas personalidades conhecedoras de “estórias” rituais ancestrais para esta abordagem actual do choro, muitas vezes induzido pela emoção que acaba por explicar mais do que o observável.

A conformação do presente artigo visa, genericamente, analisar as múltiplas tipologias do choro ritual em contexto angolano como pressuposto para a concretização do processo de purificação. Nos seus desdobramentos, confere a identificação dos meandros ritualísticos em contextos de luto, analisar a problemática dos “óbitos sem choros”, descrever a sincronização multidimensional do choro em óbitos.

Pela especificidade temática, o enredo ritual ajusta-se a observação participante e observação directa de longa duração. As limitações e inquietações desta abordagem foram preenchidas pelo inquérito por entrevista à notáveis que foram prestando os esclarecimentos necessários. Entretanto, não sendo um fenómeno único, a dimensão humana promove similitudes

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais, Repartição de História do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-HUÍLA). Mestre em Antropologia: Patrimónios e Identidades e Doutor em Antropologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa de Lisboa (ISCTE-IUL). Coordenador do Centro de Investigação e Desenvolvimento da Educação (CIDE). O texto submetido é 100% inédito e não se encontra em processo de julgamento em nenhum outro periódico ou colectânea. helderbahu@hotmail.com

rituais que podem ser verificadas por intermédio de uma pesquisa bibliográfica revisitada em alguns contextos africanos e angolano em particular.

Tendo em conta a diversidade de “entidades étnicas²” em contexto angolano e, olhando para os movimentos migratórios que configuraram o fundo antigo do povoamento do território conhecido hoje por Angola, bem como o encontro mundial de culturas resultante da colonização e outros cenários migratórios, emerge em Angola uma cultura compósita com várias influências – tal postulado permitiu, ao longo do processo de observação, olhar para as diversas influências culturais hoje imbricadas mas, com origens identificadas. A opção metodológica deste texto resulta de uma observação de longa duração na qual foram observados 10 rituais em diferentes contextos da sociedade angolana com destaque para as províncias de Luanda, Uíge, Benguela, Bié, Huambo, Huíla e Namibe.

É ponto assente, neste artigo, a descrição do choro ritual numa perspectiva teórica e histórica, fundamentando as suas múltiplas asserções e os elementos de compenetração cultural que enaltecem a existência de uma cultura compósita em contexto angolano.

O choro ritual numa abordagem teórico-retrospectiva

Os rituais fúnebres constituem um assunto bastante estudado ao nível das ciências sociais e o ápice da sua abordagem evidenciou-se, em Angola, no período colonial. Portanto, a época pós colonial continua a ser marcada por uma grande lacuna³ de fontes relativamente as novas dinâmicas rituais em contextos urbanos, semi-urbanos e rurais. A confluência de povos de diferentes latitudes em contexto angolano fez emergir uma cultura compósita ajustada a imensas negociações e renegociações que direccionam a componente ritual para algum esvaziamento mimético ou de continuidade “híbrida”. Assim, as nossas leituras evidenciaram os estudos de ALTUNA (2006), NOVAES (2006) e MOTA (2013), só para citar alguns.

ALTUNA (2006), na sua obra *Cultura Tradicional Bantu* fez uma profunda análise relativa a morte e a purificação em contexto Bantu. Numa das suas mais significativas passagens sobre o choro e a sua ritualização referiu o seguinte: depois da morte de uma pessoa, os seus familiares começam a chorar, a gritar e a dançar sem cessar, com um ritmo cadenciado e monótono. [...] Exaltam as suas virtudes e amaldiçoam o causador da morte (ALTUNA, 2006, p.441).

² Conceitos lagamente discutidos por Barth (1969), Cohen (1974), Bahu (2013), Bahu (2016)

³ Deve ficar claro que esta lacuna de fontes sobre o assunto abordado refere-se apenas ao contexto angolano pois, vários factores contribuíram para alguma timidez em termos de estudos ao nível das ciências sociais. Importa ainda referir que o continente africano é bastante heterogéneo e, os modelos de colonização aplicados foram diferentes. Em contextos como o angolano, o assimilacionismo foi uma matriz muito bem vincada que acabou por obliterar muitos processos culturais. Este cenário é menos observável em países francófonos e anglófonos.

Novaes (2006) na sua obra *Funerais entre os Bororo. Imagem da refiguração do mundo* apresenta uma descrição muito pormenorizada sobre a complexidade do ritual de morte entre os índios Bororo. Faz uma análise de pormenor porquanto o seu estudo é fruto de uma etnografia de longa duração com mais de 30 anos. Pode-se aferir, neste estudo uma das ideias do autor relatando a intensidade ritual que confere um *cocktail* bastante diversificado baseado no «conhecimento sinestésico em que se misturam as várias percepções de cheiros, cansaço, excitação, dor, cores, prazer estético, euforia, cantos e choros» (2006, p.113). A intensidade da pesquisa e análise de pormenor configuram uma enorme transversalidade ritual que encontra imensas semelhanças em alguns rituais de morte em contexto angolano. Conquanto, Mota (2013) na sua obra *Cartas de um Médico na Guerra de Angola (1962-1964)*, retractou um episódio no qual fora convidado a observar um cadáver no musseque de Luanda para passar uma certidão de óbito. Era uma menina, filha de um soldado e admirou-se com a intensidade ritual no qual os familiares formaram uma roda e “choravam um choro sem lágrimas”, parecendo fingido, as mulheres acompanhavam os gritos com gingas e passos de dança ritual estranha. Eis o relato de um *outsider* que na sua inocência destaca todo o simbolismo de um ritual característico da sociedade angolana.

Garantindo que a dimensão ritual é também cultural, a complexidade do conceito de cultura remete-nos para vários postulados que, em certa medida, podem ser terceiros a identificar um pressuposto cultural. Appadurai (2004, p. 26,27,28) levanta aspectos substantivos e adjectivos da cultura que confluem na óptica do grupo e do diferente. Assim, «a cultura é uma dimensão penetrante do discurso humano que explora a diferença para gerar concepções da identidade de grupo» (APPADURAI, 2004, p. 27). É importante o enquadramento de Batalha (2005, p. 54) que define a cultura como sendo «as formas de vida social aprendidas, o que inclui tanto o pensamento como o comportamento». A redução das distâncias como consequência do encontro mundial de culturas trouxe novas dinâmicas em termos de partilhas, rejeição e até imposição cultural.

Entretanto, o entendimento cultural na actualidade está conformado com diferentes influências que recorrendo ao discurso da globalização impõe a abordagem relativa aos centros e periferias. Neste quadro, considerando a globalização como sendo um 'ente' hegemónico, configura-se um nexos de imposição e supremacia cultural em função de agendas várias. Todavia, verificam-se processos de relativização desta hegemonia conforme o relato de Ribeiro (2001, p. 467),

[...] no campo cultural “globalização” denota um processo que não é uniforme, mas internamente complexo, contraditório e conflitual. Sendo assim, a ilusão de homogeneidade não é mais do que isso mesmo, uma ficção através da qual uma globalização hegemónica torna invisíveis aquelas diferenças, desigualdades e

contradições que uma globalização contra-hegemónica toma a seu cargo denunciar.

É neste quadro de interferências que se forma a cultura compósita largamente discutida neste texto e que evidencia uma tendência, ao nível das disposições do choro ritual, uma certa resistência que se traduz na manutenção de um pressuposto ancestral de construção do luto que se dissolve numa certa necessidade de purificação.

A morte e o Ritual

Este mundo desconhecido e muito intuitivo de uma história remota e encorajadora mobiliza esforços de qualquer pesquisador social no sentido de premiar a si e as novas gerações subsídios necessários para uma compreensão mais profunda relativamente a fé e o culto entre os nossos ancestrais.

Voltando ao percurso histórico do homem na pré-história e a sua odisseia de adaptação às inconstâncias da natureza, muitas vezes hostil ao seu modo de vida “muito rudimentar”, elevava-se a sua premente necessidade de compreender e criar antídotos suficientes para a própria sobrevivência. É neste quadro de análise que o mesmo acabou por perceber que a sua sobrevivência física estava intimamente ligada ao seu equilíbrio espiritual com um mundo transcendental desconhecido, mas temido.

O temor acima expresso catapultou o homem para uma perspectiva de maior reflexão e cuidado com o “mistério vida e morte” – incontestavelmente, os primeiros passos deste sagrado começou nas primeiras etapas da sedentarização na qual a agricultura tomou um papel indiscutível. O homem da época começa a considerar-se um milagre e passa a conceber uma forte ligação entre o terrestre e o sobrenatural. A vida e a morte deixam de ser uma mera coincidência e tomam uma dimensão ritual no sentido de agradecer e manter um ambiente saudável entre os vivos.

Assim, diante das angústias relativas aos vários fenómenos naturais (chuva, sol, frio, calor, relâmpagos, trovões, fecundidade do solo, fauna, flora, vida, morte), começou o simbolismo do enterro dos mortos que, nesta etapa, tinha como garantia a possibilidade de encaminhar a alma para um contexto dos antepassados no sentido de harmonização do “mundo terreno”. A prática ora descrita continuou ao longo dos tempos e tomou características específicas nos diferentes contextos do globo onde, lugares de morte passaram a ter símbolos muito próprios com proibições, tabus ou outras tipologias que de uma forma geral, indiciam simplesmente o sagrado.

A morte em contexto angolano – o corpo

A morte é a inação total do corpo onde os sinais vitais assumem uma “categoria zero” que, num plano de entendimento local, constitui a passagem de uma dimensão terrena para uma outra categoria – transcendental.

O corpo inerte é o princípio e o fim de toda a conjuntura ritual que se realiza pois, existe uma dupla asserção deste elemento indispensável na compensação ritual.

Existe uma preparação rigorosa do mesmo que começa com um banho total. Os procedimentos subsequentes são interpretados como o garante da ascensão da alma para uma outra dimensão que é ancestral e se augura a sua harmonização para ser um espírito positivo entre os vivos e interfira positivamente na vida destes. Numa só palavra, o corpo e a alma são assumidos neste processo ritual e, os cuidados com o mesmo, podem degenerar numa “alma pacífica” e “amiga dos vivos”.

O debate sobre a alma e a sua imortalidade é tão antigo quanto a existência humana e a organização do debate científico. O relato de Fédon, discípulo de Sócrates, foi ajustado ao discurso de Platão, um grande defensor da imortalidade e incorruptibilidade da mesma que considera o corpo como um obstáculo epistemológico.

É um obstáculo porquanto os prazeres do corpo corrompem a alma que já existia antes do corpo e «continuará existindo depois da morte do corpo» (FERNANDES & BARROS, 2000, p. 17). Este pressuposto encontra relevo na forma como o universo era discutido entre os pensadores da época revelando que um «verdadeiro filósofo considera a morte um bem superior à vida, desejar a morte significa apenas preparar-se para uma vida melhor, quanto a alma, finalmente livre do corpo, for para junto de outros deuses e reunir-se com homens melhores do que estes aqui» (2000, p.17). Desta feita, o postulado acima é clarificado por Dal Maschio (2015, p. 112), nos seguintes termos:

Para Platão a alma é constituída por três partes, cada uma delas regida por um princípio que lhe é próprio: a alma racional (razão), a alma irascível (coragem) e a alma concupiscente (desejos e necessidades). E da mesma forma acontecia com o Estado, o homem justo é aquele em que cada uma das partes da sua alma adota o papel que lhe corresponde, ou seja, quando a alma racional (sabedoria/guardiões-filósofos) governa sobre a alma concupiscente (desejos e prazeres/classe artesã) com o auxílio da alma irascível (coragem e ímpeto/guardiões-auxiliares). Dessa forma, o ideal de vida passa pela sabedoria (ou seja, a filosofia de Platão) e a prática de *sophrosyne*, a temperança ou moderação, que consiste, para efeitos práticos, na repulsa do corpo e na supressão dos seus prazeres.

Todo o processo ritual tem como base o corpo. Em contexto angolano a presença do corpo é fundamental para a prossecução ritual, pois que, toda a ritualização está ligada ao mesmo

e a manipulação do cadáver pode determinar o cumprimento dos preceitos ancestrais para a acomodação da alma numa dimensão espiritual capaz de interceder positivamente sobre os vivos. Tudo o que foi dito até agora pode, de certa forma, intrigar e escandalizar os cristãos mais devotos na perspectiva de que a interpretação do cerimonial de óbito e a construção do luto sejam uma “autêntica idolatria” que fere o espírito e a letra do que aparece consagrado nas sagradas escrituras. Eis que o histórico do acondicionamento do cadáver depende em grande medida da família e sua “profundidade cultural” – há situações em que o cadáver é colocado num dos quartos e cama da casa; outros são estendidos numa mesa na sala de jantar e, outros mantidos na morgue ou casa velório.

O choro pode intensificar-se em função da objecção a possibilidade do indivíduo falecido “pernoitar” em sua residência. Há aqui, inequivocamente, a ideia de uma má morte cujo grau de poluição impede a passagem do mesmo pelo seu espaço de intimidade ao longo da vida.

Todavia, importa aqui ressaltar que o Cristianismo no seu processo de expansão pelas diferentes latitudes do globo terrestre assumiu particularidades relativas aos cultos encontrados pois, os povos encontrados já professavam os seus cultos. Houve uma espécie de compenetração e harmonização dos diferentes preceitos que categorizaram especificidades ao nível dos diferentes contextos de acolhimento.

Assim, as particularidades culturais de cada região acabaram por moldar as diferentes abordagens do Cristianismo. Sem querer absorver a ideia do sincretismo religioso numa perspectiva de alteridade, o Cristianismo angolano continua igual a si mesmo e coabita com padrões culturais ancestrais no que tange aos rituais e, os de morte em particular. Tal argumento projecta-se no sentido de que qualquer forma religiosa compreende uma dimensão cultural incomensurável pois, mesmo em cenários de emigração, o contexto de acolhimento acaba por influenciar o culto recentemente chegado. É neste quadro de análise que a dimensão do choro numa perspectiva ritual ganha uma ênfase purificadora indescritível na sociedade angolana antiga e actual.

O choro e suas interpretações

Para além de uma transmissão geracional, a sociedade africana e, em particular, a angolana, por influência da cultura Bantu tem no choro a âncora para a concretização de um ritual fúnebre. Este acto que, a vista de alguns, parece ser uma atitude instintiva baseada numa mera imitação secular, constitui um importante ritual para a construção do luto e apaziguamento

dos “espíritos malignos” que naquele momento de “nojo” abalam uma determinada família. É ponto assente que o óbito com ou sem corpo deve ser “chorado” pois, sentindo-se uma forte influência do mundo “sobrenatural dos antepassados” é necessário conduzir a alma do defunto ao resplendor da glória de Deus/Antepassados e, conseqüentemente purificar a família enlutada. Esta ideia de choro foi largamente discutida por ALTUNA (2006) que enaltece inclusive a ideia de uma boa ou má morte. O choro apresenta diferentes características que variam irremediavelmente de região em região:

Velório e choro ritual

(1) Choro baseado em “ruídos ensurdecedores”;



Fonte: Bahu, 2018.

Observar um cenário de consternação, principalmente quando pouco comum ao nosso contexto cultural, afigura-se como um desafio complexo e de difícil compreensão. A sincronização dos movimentos corporais e o ruído ensurdecedor produzido no momento da comunicação da morte ou no contexto do velório simbolizam uma grande solidariedade entre os presentes e, numa perspectiva mais ritual, evidenciam a saudade e a revolta de uma perda jamais preenchida. Este cenário indica ainda um procedimento de purificação que demonstra a força dos familiares na perspectiva de desagrado e revolta que, de certa maneira, pode assustar um suposto malfeitor aí presente que pensará duas vezes em voltar a causar tal desgraça no seio da família enlutada.

Neste sentido, na medida em que as visitas se vão aproximando do local organizado para a realização do velório, caso já lá esteja o corpo em câmara ardente/fria, há um intensificar do choro que, em alguns casos, impõe um sincronizado bater dos pés ao solo que indicia um grande

desconforto e consternação com o acontecido. Cada um a sua maneira produz um ruído que, em muitos casos, parece desorientado, mas, confere uma sincronização e cadência muito peculiar.

(2) Choro baseado em forma de cânticos;

Os cânticos são também uma forma de manifestar o luto e harmonizar todo o cenário de consternação em curso. O repertório depende do tipo de religião em vigor no seio daquela família, discorrendo para uma forma compósita pelo facto de haver uma família alargada congregada com diferentes particularidades religiosas. Em contexto evangélico existe um cântico (em umbundu) fúnebre que se destaca no momento do sepultamento, simbolizando despedida e votos de um bom descanso:

1. *Lalapo, okueto. Lalapo ciwa, Opo wa pitila kepuyuko.
Ohali yove yosi ya imuha, Lalapo ciwa, okueto.*
2. *katoke undembo wosi wimuha, Katoke upongo wosi u pita,
Katoke tu lisanga kimbo lia 'e,
Lalapo ciwa okueto.*
3. *Katoke Yesu o tukuluka, katoke ulamba wa'e u moleha, katoke va Yesu va
pinduka
Lalapo ciwa, okueto.*
4. *katoke oku lila ku imuha, katoke okufa ku yulimwa pe, katoke tu limuila
kulamba,
Lalapo ciwa, okueto.*⁴

Na maior parte dos casos, tanto os cristãos quanto os percussores de “cultos neotradicionais⁵” preparam um repertório fúnebre muito particular e ajustado a dimensão do defunto. São cânticos nostálgicos que introduzem uma mensagem de esperança, consolo e encerram um diálogo entre os vivos, o defunto e Deus/antepassados.

Nesta senda dos cânticos, apesar de uma certa “amnésia” relativamente àqueles que se afiguram mais formatados ao contexto cultural mais conservador, fora dos preceitos cristãos, infere-se interpretações que retractem aspectos do quotidiano. «Há canções que acusam o

⁴ Hino em língua Umbundu. Tradução: Adeus irmão, te desejamos bem, pois, nesta hora, no repouso estás. Todo o sofrimento (delírio) hoje terminou. Adeus, irmão, adeus; até findar toda a escuridão, até a solidão terminar, até a solidão terminar, até nos reencontrarmos lá no céu, Adeus, Irmão, adeus; até que venha o Senhor Jesus, até sua glória manifestar, até que ressuscitem os cristãos, Adeus, Irmão adeus; até que todo o choro terminar, até a vitória sobre a morte chegar, até estarmos juntos lá nos altos céus, Adeus, irmão, adeus – hino 325. Extraído do hinário Evangélico da Igreja Evangélica Congregacional de Angola (2008) e adaptado por João Hequer, Prata Pedro, Lucas Bahu e Helder Bahu.

⁵ Conceito ajustado a um tipo de religião que se caracteriza por instituições religiosas cuja prática doutrinal e rituais adaptam aspectos do cristianismo e elementos culturais da “tradição” africana. Estas instituições não constituem um todo monolítico; os seus rituais e as suas práticas variam de acordo com as suas doutrinas; no entanto, todas elas apresentam um eixo comum, ou seja, a crença no poder do Divino Espírito Santo, e por isso muitas são também designadas igrejas do Espírito Santo. Intitulam-se “Independentes” pelo facto de serem autónomas financeiramente

causador da morte, ou aquilo que se pode enquadrar no ambiente relacional entre o decuio e os sobreviventes a ele ligados, [...] tudo ao som do batuque». ⁶

Eis alguns destes cânticos: *okufa kuvala. Kamoli ongombe opinala*. ⁷ Trata-se de uma chamada de atenção para àqueles que olham para a morte de outrem como uma oportunidade de herdar, ultrapassando os potenciais herdeiros a luz do direito positivo. Percebe-se o provérbio como uma forma de comunicar a ideia de se pensar na viúva e nos seus descendentes.

(3) **Choro em forma de oração (Cristo/Antepassados);**

A oração acaba por ser a forma mais generalizada de choro em contextos enlutados. Ela pode ser apresentada em forma de cântico, récitas poéticas ou em silêncio – trata-se de uma forma de continuar a garantir uma conexão com o transcendental que, nestes casos, situa-se como o “detentor da vida e da morte.” ⁸ A oração passa a ser o centro da purificação fúnebre e o “garante” da estabilidade familiar. Todo e qualquer cerimonial de luto em zonas urbanas que não integre uma componente ritual cristã é motivo de imensos rumores e uma preconceção de que a alma do defunto está perdida.

(4) **Choro com ênfase em insultos;**

Em muitos casos, a manifestação de consternação realiza-se na base de um conjunto de expressões obscenas dirigidas ao defunto relativamente a sua fraqueza em relação a um malfeitor que o conseguiu derrubar. Também numa espécie de desdém em relação a sua nova condição que é irreconhecível e incompreensível – trata-se de se criar uma espécie de descontinuidade relacional com aquele defunto que passou a condição de estranho e, se calhar, perigoso. Algumas expressões: “seu lixo; estás tão feio; ingrato; tupalyove⁹; nefelyove¹⁰; mbubyove. ¹¹”

em relação às igrejas históricas. A maior parte dos fundadores destas instituições e seus crentes provêm da Igreja Católica e de igrejas protestantes (pentecostais e evangélicas) (Viegas, 1999, p. 193).

⁶ Conversa com Prata Cacuali Pedro, Luanda 11 de Setembro de 2017.

⁷ “A morte é ingrata, até quem não tem boi herda”, tradução de Prata Cacuali Pedro (2017).

⁸ Um cântico católico espelha bem esta abordagem: “Senhor da vida e da morte nós te louvamos ô pai – daqui todo homem vem, daqui todo homem vai, vai [...]”.

⁹ Teus testículos.

¹⁰ Tua vagina.

¹¹ Tua hérnia.

(5) Choro em forma de esconjurações a um suposto malfeitor;

O processo de purificação em contexto fúnebre encontra também uma forma muito comum de afirmação em contexto angolano que é o recurso a expressões praguejantes a um suposto malfeitor. Trata-se de um apelo a alma do morto no sentido de se transformar num espírito maligno e criar dano àquele que o tomou para a outra dimensão. É recorrente ouvir-se: “vá em paz meu irmão/tio/pai/avó mas venha buscar quem te fez mal e faça-o sofrer muito antes da partida”.

Tendo em conta a configuração ritual de muitas famílias, mesmo as de matriz cristã, a esconjuração é algo que pode atingir um indivíduo principalmente quando existe um certo grau de parentesco e haja culpa relativamente a algo. Este procedimento implica geralmente a destruição do suposto malfeitor que pode ter uma morte trágica ou uma “vida infeliz”.

(6) Choro contido e silencioso.

Também já é comum uma nova tendência de choros contidos e silenciosos onde, no silêncio, exercita-se a esconjuração, a oração, o cântico, o lamento, a revolta e um conjunto de emoções muito próprias destes cenários. Importa ressaltar que todas as formas de choro aqui ressaltadas podem ser congregadas num único ritual fúnebre onde os diversos intervenientes, de forma espontânea manifestam a sua consternação nos moldes acima enunciados. Muitas vezes em volta do cadáver que passa a ser a figura central do processo de construção do luto e consequente purificação – existe uma espécie de diálogo entre os vivos e o cadáver que parece estar a receber instruções.

Baseando-nos no encontro mundial de culturas, as diversas formas de choro, podem estar congregadas num mesmo espaço e salientam também um acto de solidariedade em relação a família que perde um ente querido. Esta solidariedade é muito profunda porquanto, acaba por ser uma cruzada de revolta entre todos os membros da família e amigos em relação a tragédia do desaparecimento físico e, uma forma de mostrar ao suposto malfeitor que há uma grande revolta e se vai fazer tudo para o identificar e castigar.

É assim que, durante o velório, são observados com algum rigor o comportamento de todos que acorrem ao óbito e identificar sinais de um suposto malfeitor – o choro ritual é uma forma de purificação e realiza-se de forma intervalar: aumenta de intensidade em função da chegada dos familiares e amigos. Torna-se mais intenso quando o indivíduo que se aproxima é muito próximo da família.

O sepultamento, para além de ser o ponto mais alto da concretização ritual no qual o conformismo se começa a evidenciar, o desespero e a intensificação do choro marcam este momento. Curiosamente, lendo um texto de SARAIVA (1998, p.141) observa-se a realidade Caboverdiana com um cenário de enormes semelhanças a realidade angolana:

As pessoas concentram-se junto à sepultura para o momento final de descida da uma à cova. Os excessos emocionais são, nesta altura, extremos: os familiares mais próximos gritam, tentando atirar-se para a cova juntamente com o morto, e por vezes têm desmaios. Gera-se mais uma vez uma atmosfera de paroxismo e histeria geral e contagiante, em que toda a gente chora e grita. Nos casos em que o envolvimento emocional é excessivo, há mesmo uma transfiguração das fisionomias, como se se tratasse de casos de possessão declarados, com as conseqüentes alterações de personalidade.

Assim, tal como relatado acima, apesar desta intensidade ritual no momento do sepultamento que é justificada pelo conhecido “último adeus” e reflecte a separação intemporal, o momento do sepultamento define também a conformação com a morte e, em certos casos, apesar de convertidos ao Cristianismo, acabam por clamar pelos antepassados sepultados no mesmo cemitério para que recebam o novo “inquilino” e que intercedam positivamente sobre os que ficam. O choro “conformado” que simboliza a despedida encaminha-se para apelos vários tais como: “pai, mãe, recebam este ingrato que não quis viver! Cuidem bem dele e olhem por estes órfãos e viúva agora desgraçados”. Encontra-se aqui um profundo sinal de que os antepassados continuam a ter uma forte influência sobre os “terrenos” e acredita-se na sua intervenção para a harmonização da família. É, por esta razão, que algumas famílias mantêm os objectos ou certos pertences de membros já falecidos como símbolo de manutenção de uma ligação com os mesmos. É muito comum observar algumas famílias que se recusam em consumir, na totalidade, os alimentos confeccionados para o jantar. Acreditam que os antepassados visitam a casa no período nocturno e precisam de alimentar-se. Quebrar este ritual significa cortar contactos com os mesmos que deixam de interferir na “promoção” de alimentos.

Alguns guardam consigo a existência do *etambo*, um pequeno santuário com alguns objectos dos antepassados no qual são colocados, com alguma regularidade, vinho e pão para garantir a protecção dos mesmos. Podíamos aqui pensar numa religião espírita, mas, nem todos os que desta forma procedem assumem um culto espírita cujas particularidades não serão desenvolvidas neste *paper* por não ser o foco de análise.



Fonte: Bahu, 2012.

O processo de finalização do sepultamento é, a semelhança dos ocorridos nos primórdios do enterro dos mortos, marcado por um enorme simbolismo em termos de sinalização que obedece a matriz cultural de cada povo. Quer dizer, existem ainda hoje, formas diversas de ornamentação dos túmulos que variam entre figuras diversas a acumulados de calhaus, árvores e flores específicas.



Fonte: Bahu, 2015.

A figura acima especifica um cemitério no qual confluem várias tipologias artísticas em termos de túmulos. Do lado esquerdo a arte Mbali, fundamentada num grupo de escravos provenientes do centro e norte de Angola que convertidos ao Cristianismo promoveram uma espécie de “sincretismo artístico” com recurso a uma pedra específica e abundante na região do Bentiaba, província do Namibe. Eram escravos na fazenda São Nicolau, posteriormente

convertida em prisão de São Nicolau ou Bentiaba. Por seu turno, do lado direito, o protótipo tumular dos Hereros, povos do sul de Angola, maioritariamente distribuídos pela província do Namibe e um pequeno seguimento na província do Cunene. Recorrem a um conjunto de calhaus para proteger e marcar os seus cemitérios. Os calhaus são uma forma de se evitar que os animais consigam escavar a sepultura e devorar o cadáver.

Olhando para esta particularidade, estar-se-ia diante de uma maldição comparada ao abandono do cadáver no bosque ou uma fatalidade de ser devorado por um animal feroz. Trata-se de um processo bastante pesaroso que merece um conjunto ritual complexo para a purificação da família que pode ser acometida de uma corrente de azares.

Todavia, conforme a figura acima, em contextos urbanos muito marcados pela conversão ao Cristianismo, tornou-se comum a adequação de um modelo uniforme em termos de concepção de campas e escolha das flores. Eis que a tipologia de flores funerárias, em contexto urbano, identifica outra dimensão do choro que encontra inspiração nas cores e cheiro característico das flores recorrentemente funerárias. Assim, a sofia fina, sofia grossa, boca de jarro, gordilo, papel, verdinha e vindjombile são as mais comuns nos velórios e sepultamentos em contexto angolano.



Fonte: Bahu, 2020.

Portanto, o aparato ritual coincide com a valorização do corpo ao ponto do mesmo ser o interlocutor absoluto de todo o processo. As mensagens de lamento são dirigidas ao mesmo como forma de definir a presença de diferentes individualidades que se solidarizam com a perda e lamentam profundamente o desaparecimento do mesmo do convívio familiar.

Minimização do Choro e da Saudade

Sendo o choro a marca purificadora ao nível dos rituais fúnebres, em alguns contextos da realidade angolana, a sua ausência se afigura problemática. Todavia, existem situações que limitam a generalização desta prática pois, tal acção apenas se deve associar a uma “morte

natural¹²”. Os suicídios são punidos com a minimização do choro que traduzem a ideia de que ninguém pode retirar a sua própria vida. Quando ocorre, existe uma grande agitação no seio familiar porquanto o acto é considerado demoníaco e uma fonte de azar para a referida família que poderá exercitar uma sequência de suicídios. Trata-se, indiscutivelmente, de um cenário de enorme poluição que eleva o nível de preocupação dos familiares.

Esta ideia encontra substância na análise de DOUGLAS (1991, p.33) quando referiu que, [...] «se o impuro é o que não está no seu lugar, devemos abordá-lo pelo prisma da ordem. O impuro, o poluente, é aquilo que não pode ser incluído se se quiser manter esta ou aquela ordem. Só reconhecendo este enunciado poderemos começar a compreender o que é a poluição. Esta hipótese não nos obriga distinguir com clareza o profano e o sagrado [...]».

Na senda da impureza relacionada ao suicídio, FERNANDES & BARROS (2000, p.15) enfatizam a sua ilegitimidade buscando argumentos no discurso de Fédon relativamente ao diálogo com Sócrates referindo-se que «as suas palavras de modo algum significam que se deva exercer sobre si próprio a violência do suicídio, pois a vida de um homem é pertença dos deuses, não lhe sendo, por isso permitido apropriar-se do que não lhe pertence». Desta feita, ainda faz morada entre alguns seguimentos da sociedade angolana a negação do choro e honras funerárias aos autores de suicídios. Procura-se um grande distanciamento em relação ao cadáver cuja ritualização é realizada no sentido de um corte com os seus familiares pois, confirma-se a impossibilidade da sua alma integrar os espíritos protectores dos antepassados.

O choro é ainda desenvolvido na perspectiva de se minimizar a saudade e conseqüente sofrimento dos descendentes que, para tal, pessoas entendidas recolhem pequenas porções de terra durante o sepultamento para o tratamento da nostalgia dos filhos, outros fazem passar os filhos por debaixo do caixão ou pegam num pequeno ramo, tocam-no na urna e batem de leve nos filhos (BAHU, 2013, p.118).

A matriz do choro ritual é muito complexa por integrar um conjunto de elementos bastante diferenciados. Quem vive uma situação de separação física acaba por ver tudo a sua volta como diferente. O sol, a lua, o dia, a noite, as árvores, o vento, os rios, o mar, os automóveis, as pessoas, as flores, o perfume, a roupa, a saudação, o andar, a igreja, as conversas, os jogos, as piadas, a lenha, o fogo, a alimentação, as crianças, o rumor – acabam por ser uma forma de choro, a sua maneira, cada um dos elementos evocados acima reflecte uma particularidade de choro e complementa toda a complexidade ritual de construção do luto e purificação de uma família completamente desolada pela “vergonha e humilhação” da perda. Trata-se de um momento de inactividade e de enorme observação por parte dos visitantes que numa atitude de disponibilidade para as mais variadas explicações relativas ao acontecimento,

¹² Entenda-se morte natural quando a mesma é provocada por alguma doença identificada e aceite.

absorvem também os vários circuitos do rumor e lamentam – mesmo que não concordem com o mesmo pois, onde há choro e lamento há lugar para a consolação.

CONCLUSÕES

O choro em contextos fúnebres no território angolano mantém um perfil ritual porquanto a sua cadência parece ornamentada de um conjunto de simbolismos culturais, “originais” ou por “empréstimos” – relativos ao grande encontro de culturas. Sem descuidar uma grande predominância cristã ao nível dos rituais fúnebres, a lógica ritual do choro assume uma amplitude cultural muito forte ao ponto de considerar-se um componente ritual ajustada à Cristo e aos antepassados – esta constatação não é assumida publicamente, todavia, as acções rituais não deixam quaisquer dúvidas em relação a esta ligação ao mundo sobrenatural dos antepassados.

A angústia do não cumprimento de certos pormenores no quadro da elaboração do luto pode degenerar em mau estar e receios permanentes relativamente a ocorrência de alguma situação pouco agradável – o Covid-19 é um dos exemplos de amputação ritual. Entretanto, este preceituado é mais evidente em famílias muito conservadoras e que mantenham uma forte ligação aos preceitos ancestrais – outras são geralmente influenciadas por àquelas que vivenciam tais pressupostos. O cenário ritual do choro introduz imensos movimentos cuja arte ou estética “inocente” produz uma forte comunicação que só pode ser interpretada pelos conhecedores dos meandros culturais e reorienta a concretização cerimonial que produz a tão almejada purificação da família enlutada. A intensidade do choro com variadas tipologias ao mesmo tempo produz, no meio de um “ruído” supostamente desorientado, uma sincronização fabulosa que se parece com um cerimonial previamente ensaiado.

Neste quadro de análise, não se pode reduzir o choro a concretização ritual do corpo e do sepultamento, qualquer reencontro ou visita ao cemitério remete ao retorno do choro que pode expressar sentimentos vários – inclusive, actos de exumação e inumação passam por uma componente ritualística semelhante ao consagrado à um individuo acabado de perecer. Continua a existir uma certa ligação com os mortos e o choro é, naturalmente, a melhor forma de se expressar a saudade e comentar lamentos vários relativos a ausência. Depois de um ano ou dentro dos acordos entre parentes, projecta-se a construção ou montagem da campa que, no caso da sociedade angolana, verifica-se mais uma vez um cenário ritual no qual o choro volta a ser uma manifestação ritual. Desta vez, não é tão intenso mas ocorre entre os parentes mais próximos.

A ideia de purificação é bastante assente para os casos referenciados e pode ocorrer em diferentes cenários, de acordo ao tipo de influência religiosa da família – Kimbanda, Santa, igreja (católica, evangélica, messiânica ou outra) – o processo de observação ritual fortalece a ideia do choro ritual e suas particularidades conforme os objectivos anteriormente traçados.

Angola é um território de confluência cultural no qual alguns pressupostos rituais locais se reanimam e convivem com àqueles que surgiram com o processo colonial e outros processos migratórios. Não cabe a um observador cultural apresentar juízos de valor relativamente a manutenção ou exclusão ritual pois, estes se vão reinventando ao longo do tempo e numa perspectiva compósita, apresentam novas “originalidades”. Este cenário de “reinvenção ritual” foi largamente evidenciado por Schechner (1993) na sua obra de *future of ritual*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Bantu**. Prior Velho: Paulinas Editora. 2006.

BAHU, Helder Pedro Alicerces. O Étnico está em Desuso? Construção e Desconstrução Identitária em Angola. In: TEIXEIRA, Marco António Domingos; LIMA, Uílian Nogueira [org] **Afros e Amazónicos. Estudos Sobre o Negro e o Indígena na Amazônia?** Vol. II, Porto Velho, MC & G Editorial, 2016.

BAHU, Helder Pedro Alicerces. “ A Noção de Subalternidade e o Mapa Etnográfico de Angola. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, III Série, nº24. Lisboa: AULP. Pp. 49-62, 2011.

BAHU, Helder Pedro Alicerces. **Os Quadros Angolanos em Portugal. Integração e Retorno**. Lisboa: Editora Colibri. 2013.

BARTH, Fredrik. “Introduction”. In: BARTH, Fredrik. **Ethnic Groups and Boundaries**. London: George Allen and Unwin. 1969.

COHEN, Abner. **Introdução: The Lesson of Ethnicity, Urban Ethnicity**. London: Tavistock Publications, IX – XXIV, 1974.

DAL MASCHIO, Eduardo Acín. **Platão: a Verdade Está Noutro Lugar**. Portugal: Atlântico Press. 2015.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: Ensaio Sobre a Noção de Poluição e Tabu**. Lisboa: Edições 70, 1991.

FERNANDES, Marcello; BARROS, Nazaré. **Fédon de Platão**. 8a. ed. Lisboa: Lisboa. 2000.

HINÁRIO EVANGÉLICO DA IGREJA CONGREGACIONAL DE ANGOLA. 6ª Edição. Queluz: Centro de Publicações Cristãs. 2008.

MOTA, H. Carmona da. **Cartas de um Médico na Guerra de Angola (1962-1964)**. Lisboa: Editora Leya. 2013.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Funerais entre os Bororo. Imagens da refiguração do mundo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, vol. 49, n° 1, p. 283-315, 2006.

SARAIVA, Maria Clara. Rituais Funerários em Cabo Verde: Permanência e Inovação. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n.º 12, Lisboa, pp. 121-156, 1998.

SCHECHNER, Richard. **The Future of Ritual**. London: Routledge. 1993.

VIEGAS, Fátima e Jorge Varanda. Saberes e práticas de cura nas igrejas neotradicionais em Luanda: carismas, participação e trajetórias das mulheres, **Etnográfica** [Online], vol. 19 (1), p. 189-224, 2015.

Recebido em: 22/10/2019

Aprovado em: 19/04/2020